

Teixeira, Daniela; Nelas, Paula; Aparício, Graça & Duarte, João Carvalho (2013).
Contributo dos Interlocutores nas Atitudes dos Alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico face à
Sexualidade. *Millenium*, 44 (janeiro/junho). Pp. 127-140.

CONTRIBUTO DOS INTERLOCUTORES NAS ATITUDES DOS ALUNOS DO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO FACE À SEXUALIDADE

CONTRIBUTION OF THE INTERLOCUTORS IN ATTITUDES TOWARDS SEXUALITY OF STUDENTS OF THE 3RD CYCLE OF BASIC EDUCATION

DANIELA ALEXANDRA MENDES TEIXEIRA¹
PAULA ALEXANDRA DE ANDRADE BATISTA NELAS²
MARIA DA GRAÇA FERREIRA APARÍCIO COSTA²
JOÃO CARVALHO DUARTE³

¹ Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados de Tabuaço; Enfermeira especializada
em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria; Mestre em Enfermagem
de Saúde Infantil e Pediatria – Portugal. (e-mail: daniela_teixeira47@hotmail.com)

² Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde
e investigadora do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS)
do Instituto Politécnico de Viseu – Portugal. (e-mail: pnelas@gmail.com; gaparicio5@hotmail.com)

³ Professor Coordenador da Escola Superior de Saúde
e investigador do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS)
do Instituto Politécnico de Viseu – Portugal. (e-mail: duarte.johnny@gmail.com)

Resumo

Enquadramento: Tratar de educação sexual, para além da atualidade do tema, prende-se, sobretudo, com a necessidade de uma abordagem que leve à adoção de atitudes favoráveis face à sexualidade e a comportamentos saudáveis por parte dos adolescentes.

Objetivos: Identificar as preferências dos alunos na escolha dos interlocutores em assuntos de sexualidade, bem como analisar a relação com as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico.

Métodos: O estudo realizado é de natureza quantitativa, descritivo-correlacional e transversal. Amostra não probabilística, por conveniência, de 545 alunos (262 rapazes e 283 raparigas), idade média de 13,95 anos

(Dp= 1,25), maioritariamente residentes na aldeia (53,1%) e a frequentar o 3º ciclo do ensino básico nas escolas do Concelho de Tabuaço e Fundão. Foi aplicado um questionário visando a caracterização sociodemográfica da amostra, o conhecimento das suas vivências da sexualidade; foi, ainda, aplicada a Escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (Nelas, Fernandes, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010).

Resultados: Da amostra global de alunos, os principais interlocutores da sexualidade são os amigos (59,8%), seguido da mãe (40,9%), pai (16,1%), namorado/a (14,7%), irmãos (13,8%), professores (12,5%), e, por último, do médico/enfermeiro (4,6%). A mãe influencia significativamente e favoravelmente as atitudes face à sexualidade ($p=0,006$) e, no reverso, os irmãos influenciam de forma significativa e desfavoravelmente as atitudes face à sexualidade ($p=0,050$).

Conclusão: Este estudo sugere que o papel da figura materna e dos irmãos está diretamente relacionado com as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico e que aqueles têm uma importância essencial na avaliação que estes fazem da sexualidade.

Palavras-chave: alunos, atitudes, interlocutores, educação sexual.

Abstract

Background: Dealing with sex education, being a matter of full actuality, is related mainly with the need for an approach that leads to the adoption of positive attitudes towards sexuality and healthy behavior by adolescents.

Objectives: Identify the preferences of students of the 3rd cycle of basic education in the choice of the interlocutors on matters of sexuality as well as analyse their relationship with attitudes towards sexuality.

Methods: The fulfilled study is quantitative, descriptive-correlational and transversal. It is a non-probabilistic sample by convenience of 545 students (262 boys and 283 girls), on average age of 13.95 years old (SD = 1.25), mostly living in the village (53.1%) and attend the 3rd cycle of basic education in schools of Tabuaço and Fundão. It was administered a questionnaire constituted by a socio-demographic characterization and the experiences of sexuality and by a scale of attitudes towards sexuality in

adolescents (Nelas, Fernandes, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010).

Results: Of the global sample of students, the main interlocutors of the sexuality are friends (59.8%), followed by the mother (40.9%), father (16.1%), boyfriend/girlfriend (14.7%), siblings (13.8 %), teachers (12.5%) and, finally, the doctor/nurse (4.6%). The mother significantly and favorably influences the attitudes towards sexuality ($p = 0.006$) and, in reverse, the siblings influence significantly and adversely the attitudes towards sexuality ($p = 0.050$).

Conclusion: This study suggests that the role of the mother and siblings is directly related to attitudes towards sexuality of students of the 3rd cycle of basic education and that those are vitally important in the evaluation of sexuality that they do.

Keywords: students, attitudes, interlocutors, sexual education.

Introdução

A educação da sexualidade, fazendo parte de programas a desenvolver nas escolas, tem sido tema de discussão nos últimos anos e uma preocupação crescente por parte de quem tem responsabilidades no processo ensino/aprendizagem.

Segundo Brêtas, Muroya & Goellner (2009), a Educação Sexual visa formar, fornecendo ao educando subsídios e modelos para o crescimento pessoal e para a assunção de ideias e de comportamentos próprios a nível da sua sexualidade.

De acordo com Neto *et al.* (2009), a Educação Sexual é um processo através do qual a pessoa se desenvolve como ser sexuado e sexual, através de ações estruturadas e formais e, ao mesmo tempo, ações não estruturadas e informais. Além disso, decorre ao longo da vida e não a partir do início da atividade sexual, desenvolvendo-se em diversos contextos: na família, no grupo de amigos, no sistema educativo ou através dos *media*, entre outros, englobando educação formal, não formal e informal. A Educação Sexual Formal e Não Formal refere-se a processos de aprendizagem sistemática, desenvolvidos por profissionais, e o critério básico da sua diferenciação é a integração curricular ou não, pois a primeira assume o contexto escola e o agente – o professor – como meios educativos por excelência, e a segunda viabiliza a educação intencional através de agentes alternativos, ainda que privilegie aqueles (Vaz, Vilar & Cardoso, 1996). A Educação Sexual Informal refere-se ao processo mais básico de aprendizagem da sexualidade, pois assenta na vivência proporcionada ao longo do desenvolvimento nos diversos contextos de vida do indivíduo,

por figuras significativas (*idem*). Assim, a educação sexual, enquanto processo de aprendizagem, pode ocorrer de forma intencional, como é o caso dos programas específicos nas escolas, ou de uma forma não intencional em que a aprendizagem se faz quotidianamente, de forma espontânea e ocasional, através da percepção das atitudes de familiares, amigos, professores e *mass media* face a acontecimentos sexuais (Vilar, 1987, cit. por Pontes, 2011).

Cada pessoa vive a sexualidade de forma diferente, de acordo com a educação recebida na família, no grupo de amigos, na escola, no local onde vive, nos meios de comunicação, entre outros, interferindo esta experiência na construção da personalidade da pessoa e, portanto, na sua saúde” (Neto *et al.*, 2009, p. 4).

No que diz respeito às atitudes pessoais relativas a aspetos mais específicos da sexualidade, estas podem ser entendidas como um *hardware* que orienta os comportamentos nesse campo, pelo que diferentes atitudes estarão na base de diferentes padrões de comportamento sexual, nomeadamente no que diz respeito à adoção de comportamentos de risco (Mcguire, 1986; Vilar, 2003, cit. por Pontes, 2011). Assim, as atitudes sobre a sexualidade são elementos essenciais nas condutas dos indivíduos, que podem influenciar a sua saúde, “(...) e a sua origem é influenciada pela sociedade, ou seja, ninguém nasce com atitudes pré-estabelecidas, mas devido ao processo de socialização e o convívio com pessoas que integram o universo social” (Cossermelli, 2007). Nesta linha de pensamento, Nelas, Fernandes, Ferreira, Duarte & Chaves (2010) reforçam a ideia de que as atitudes são influenciadas pelas pessoas significativas, pelos que convivem diariamente com o sujeito e pelas experiências vividas pelo próprio. Assim, as atitudes vão-se formando ao longo da vida, uma vez que resultam de experiências e comportamentos que vão sendo apreendidos nas relações com os outros. Nesta perspetiva, considera-se que a educação sexual dá um contributo importante para a formação harmoniosa do aluno, bem como para a promoção da saúde sexual, na formação da personalidade, na socialização e na formação de um conjunto de atitudes e valores pessoais e morais.

Atualmente, a educação sexual é objeto de inclusão obrigatória nos projetos educativos. A Lei nº 60/2009, de 6 de agosto, aprovada pela Assembleia da República, regulamentada pela portaria n.º 196-A/2010, de 9 de abril, vem estabelecer um “conjunto de princípios e regras, em matéria de educação sexual, prevendo, desde logo, a organização funcional da educação sexual nas escolas”, desde o ensino básico até ao ensino secundário, e “reconhecendo que a educação sexual é uma das dimensões da educação para a saúde”. Esta nova lei contempla como finalidades da educação sexual, entre outras, “a valorização da sexualidade e afectividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa”, bem como “o desenvolvimento de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade.” Além disso, a referida portaria estabelece, como se lê no

preâmbulo, que a “educação sexual deva ser desenvolvida pela escola e pela família, numa parceria que permita respeitar o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa”.

Nesta perspetiva, a educação sexual não se pode cingir a aspetos informativos, ela assume um carácter interativo no desenvolvimento de valores e atitudes, reforçando crenças e comportamentos nos jovens. Como afirmam Neto *et al.* (2009), falar sobre sexualidade é mais do que veicular conhecimentos teóricos, pois é preciso ter a capacidade para compreender e saber ensinar, é necessário explicar os termos corretos, sendo importante a sensibilidade para as questões que preocupam os jovens. Ainda segundo os mesmos autores (2009, p. 144), é através da esfera dos conhecimentos, das atitudes e competências individuais, que a educação sexual nas escolas pode contribuir para uma “ (...) vivência mais informada, mais gratificante, mais autónoma e mais responsável da sexualidade”.

A investigação sugere que a educação sexual não encoraja o comportamento sexual, sendo vários os estudos a confirmarem que os adolescentes que tiveram educação sexual formal não apresentaram uma probabilidade maior de praticarem sexo pré-conjugal, comparativamente aos que não a tiveram (Sprinthall e Collins, 1994, Furstenberg *et al.*, 1985 e Zelnik e Kim, 1982, cit. por Lemos, 2001). Por outro lado, os adolescentes com conhecimentos deficitários ou erróneos, ou mesmo sem conhecimentos, tendem a desenvolver mais frequentemente atitudes inadequadas sobre o sexo, o que contribui para o incremento de comportamentos sexuais de alto risco (Brown *et al.*, 1996, cit. por Lemos, 2001). Desta forma, pode dizer-se que a ignorância é negativa e quanto mais informados e formados estiverem os jovens, mais tardio é o início da vida sexual activa, e mais equilibrado o seu coeficiente emocional, melhor geridas as ansiedades e mais elaboradas as escolhas (Bastos, 2001). Por conseguinte, a abordagem não deve apenas transmitir conhecimentos sobre os riscos associados à sexualidade, mas incutir nos adolescentes uma atitude de prevenção.

A intervenção da escola nesta área deve fazer-se de forma estruturada e intencional, procurando desenvolver uma atitude positiva face à sexualidade, valorizando as suas diversas dimensões e permitindo a aquisição efetiva de conhecimentos sobre a sexualidade e de competências que favoreçam a autodeterminação e a decisão pessoal sobre comportamentos relacionados com a sexualidade (Pontes, 2011). É realmente importante o papel dos professores, enquanto difusores privilegiados de orientação para o futuro das novas gerações, tornando-os nos grandes impulsionadores e agentes de (in)formação sobre sexualidade, pela relação de proximidade com os adolescentes.

Também aqui a escola deve ser entendida como uma continuação e complementação do trabalho dos pais, sendo importante manter esta parceria. Tal como refere Sampaio (2006, p. 177) “sem uma Educação para a sexualidade integrada numa perspectiva de Educação para a Saúde, em que a escola desempenha um papel

complementar da família, mas de decisiva importância, não ajudaremos os nossos jovens a percorrer um caminho afectivo com responsabilidade e segurança.” Os pais são os modelos mais importantes, sendo a fonte de influência mais precoce e prevacente no desenvolvimento do ser sexuado (Kelly, 1981; López Sanches & Fuertes, 1989, cit. por Vaz, Vilar & Cardoso, 1996). A família, como comunidade base da sociedade, deve ser a principal responsável pela educação das crianças, adolescentes e jovens. É pois, consensual que os pais sejam agentes ativos na educação sexual dos seus filhos. Como refere Pontes (2011), a estratégia de envolver os pais em programas de educação sexual, especificamente pensados para eles e/ou nos programas dirigidos aos seus filhos, tem vindo a revelar-se extremamente vantajosa, não só por promover a comunicação pais-filhos sobre sexualidade, mas também por favorecer a generalização e consolidação das questões abordadas nos programas.

Enquanto a relação pais-filhos é uma relação vertical na aprendizagem da sexualidade, a relação com os pares é horizontal. Esta relação horizontal, com fatores de proximidade tais como a idade, interesses, vivências, determina processos de identificação fortes (Frias, 2006) indicando diversos estudos que é com os amigos e colegas que os adolescentes mais falam sobre sexualidade (Vilar, 1994), surgindo as conversas naturalmente em grupo. Os pares constituem modelos sexuais reais que favorecem processos de identificação, dada a similaridade de idades, de interesses e, em particular, a atratividade dos modelos intermediários exibidos, considerando-se a influência dos pares benéfica. Porém, por vezes a informação transmitida entre eles surge distorcida, nem sempre correspondendo à realidade; o riso acompanha regularmente os conteúdos sexuais e a pressão do grupo, no sentido da experimentação, leva à descoberta da sexualidade muitas vezes sem preparação e desrespeitando ritmos pessoais (Vaz, Vilar & Cardoso, 1996, p. 19).

Como refere Sampaio (1993, cit. por Casteleiro *et al.*, 2007, p. 38) “o certo é que o conhecimento sobre sexualidade é obtido sobretudo fora da família, tendo aí o grupo de pares um papel fundamental. Para os pais resta talvez o mais importante: estar lá, “para o que der e vier”. O estudo HBSC/ OMS revela que dos adolescentes inquiridos, 69,8% se sentem à vontade ou muito à vontade em falar sobre sexualidade com os colegas (Matos, Sampaio & Equipa do Projecto Aventura Social, 2006). Um estudo realizado em Viseu, no 2º e 3º ciclo do ensino básico, numa amostra de 232 alunos, refere que 92,2% dos adolescentes falam predominantemente com os amigos sobre sexualidade, enquanto só 40,1% falam com os familiares (Casteleiro *et al.*, 2007). Um outro estudo efetuado por Ferreira & Nelas (2008), numa amostra de 232 adolescentes a frequentar o 9º ano de escolaridade, evidencia que a pessoa de referência para a abordagem de assuntos sobre sexualidade é, em 90,1% dos casos, os amigos (pares) sendo a mãe referida por 33,6% dos participantes. Uma investigação realizada por Dias & Rodrigues (2009), numa amostra de 367 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos, concluiu que, embora a

família tenha sido a principal fonte de conhecimentos sobre sexualidade, a sua importância é, no entanto, secundarizada face ao grupo de pares, no que respeita ao seu papel na educação sexual, pois para a maioria dos inquiridos (62,9%) são os amigos que têm o papel mais importante, seguido da mãe (58%), dos profissionais de saúde (37,6%) e, por último, dos professores (30,5%).

No atual contexto social e legal em que se enquadra a educação sexual dos adolescentes, cabe também aos profissionais de saúde, nomeadamente aos enfermeiros, um papel importante nesta área, quer nos seus locais de trabalho quer em colaboração com a escola (Afonso & Lucas, 2001).

Também os meios de comunicação social, incluindo a televisão, a imprensa escrita, a música, o cinema e a internet são atualmente, inegáveis fontes de influência e agentes de educação sexual, pois têm uma capacidade imensa de disseminação de informação, ideias, formas de estar e valores. Contudo, a abordagem de assuntos relacionados com a sexualidade neste âmbito, salvo honrosas exceções, é feita de forma mais ou menos explícita e, muitas vezes, de forma controversa e com um intuito mais comercial do que em prol de causas com valor social (Pontes, 2011).

É reconhecido que a mera informação é insuficiente para uma aprendizagem que envolva construção pessoal e conseqüente modificação de comportamentos. Por isso é fundamental compreender a dimensão sociocultural da questão da sexualidade na adolescência, no entendimento de que “(...) a condição mínima para que um adolescente se previna é a assunção de uma postura activa, de tornar-se sujeito da própria saúde”, pois não são suficientes somente os aspetos biológicos e culturais para orientar estratégias de educação e promoção da saúde (Neto & L’Abbate, 2007, p.6).

Para Ferreira & Nelas (2008), o mais importante é orientar, abrir espaço para o diálogo e responder ao solicitado com honestidade e espontaneidade. Assim sendo, a educação sexual deve apresentar-se como uma “proposta de preparação para a vida pessoal, social, comunitária e particularmente familiar, que se alimenta em valores de vida, de civismo, de amor e de responsabilidade, de dignidade e de respeito humano” (Galvão, 2000, cit. por Afonso & Lucas, 2001, p. 169).

Deste modo, e de acordo com Afonso & Lucas (2001, p. 169), “a vivência familiar, a escolaridade, o convívio com os amigos e colegas, o contacto com os profissionais de saúde, os meios de comunicação social, são intervenientes na educação sexual do adolescente, contribuindo para a construção de um sistema de valores, de atitudes e de condutas no âmbito da sexualidade.” No entanto, é evidente que a educação sexual não é panaceia para todos os problemas e dificuldades que a sexualidade levanta, mas pode dar um contributo importante, quer em termos sociais, para a consolidação de uma visão positiva da sexualidade, quer em termos individuais, para uma vivência mais consciente, responsável e satisfatória da sexualidade (Pontes, 2011).

Face ao exposto questionámo-nos: Qual a influência dos interlocutores nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico? Para dar resposta a esta questão de investigação, são delineados os seguintes objetivos: identificar as preferências dos alunos na escolha dos interlocutores em assuntos de sexualidade, bem como analisar a relação entre esses interlocutores privilegiados e as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico.

Material e métodos

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa, descritivo-correlacional e transversal. Para a sua consecução utilizou-se um questionário, que inclui as variáveis de caracterização da amostra em termos sociodemográficos e das vivências da sexualidade, e, ainda, a “Escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes” (Nelas, Fernandes, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010). O questionário utilizado faz parte do Projeto de Investigação “Monitorização de Indicadores de Saúde Infante-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, e o instrumento que se designa por “Escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes” é uma escala que procura analisar as atitudes dos adolescentes face à sexualidade.

A amostragem utilizada foi do tipo não probabilístico por conveniência, constituída pelos alunos que frequentavam, no ano lectivo 2010/2011, o 3º ciclo do Ensino Básico, distribuídos pelo Agrupamento de Escolas Serra da Gardunha, Agrupamento de Escolas de João Franco, Agrupamento de Escolas Terras do Xisto, do concelho do Fundão e Agrupamento de Escolas de Tabuaço, do concelho de Tabuaço. A amostra é constituída por 545 alunos, dos quais 48,1% pertencem ao sexo masculino e 51,9% ao sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (\bar{x} =13.95; Dp= 1,25). Maioritariamente vivem na aldeia (53,1%) e grande parte pertence ao concelho do Fundão (71,0%), apenas 29,0% pertencendo ao concelho de Tabuaço.

A recolha dos dados processou-se no período compreendido entre Maio e Junho de 2011, após parecer favorável da Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e dos Conselhos Diretivos das respetivas escolas. Os professores, encarregados de educação e alunos foram previamente informados das finalidades do estudo e da garantia da confidencialidade dos dados e anonimato dos participantes. Os questionários foram preenchidos em sala de aula, sob supervisão de um professor.

Resultados e discussão

Neste estudo, no que concerne às preferências dos alunos na escolha dos interlocutores em assuntos de sexualidade, os resultados apresentados na tabela 1 revelam que a grande maioria dos participantes (59,8%) considera que são os amigos que têm o papel mais importante na sua educação sexual, seguido da mãe (40,9%) e do pai (16,1%), do

namorado/a (14,7%), dos irmãos (13,8%), dos professores (12,5%) e, por último, do médico/enfermeiro (4,6%).

As interações com os amigos são tão significativas e importantes que se refletem nas estatísticas, quando se investigam os interlocutores em assuntos da sexualidade. A importância dos amigos, neste período da vida, pela proximidade em termos de idade, interesses e dúvidas favorece a identificação mútua e facilita a abordagem das questões sexuais entre eles, mas, por outro lado, revela a vulnerabilidade das informações, contribuindo “(...) muitas vezes para a manutenção de crenças erróneas e para a disseminação de informação pouca fidedigna” no seio do seu grupo de amigos (Pontes, 2011).

No contexto familiar, o papel da mãe é o mais representativo (40,9%) na educação sexual, principalmente nas raparigas (50,9%), com diferenças altamente significativas entre os sexos ($\chi^2=24,185$; $p=0,000$). Ainda assim, parece que o pai (16,1%), está a assumir o seu papel de educador nestas questões, principalmente na educação dos rapazes (23,3%), verificando-se diferenças altamente significativas entre os sexos ($\chi^2=18,975$; $p=0,000$). Estudos de natureza quantitativa que comparam a intervenção de vários agentes envolvidos no processo de aprendizagem sexual dos adolescentes, são coincidentes com este estudo, ao afirmar que a mãe tem um papel mais importante que o pai (Vilar, 1994). O papel do pai vem crescendo de importância nos estudos mais recentes, mas continua a ser ainda uma figura pouco marcante nos assuntos desta natureza (*idem*), sendo ainda menor com a rapariga do que com o rapaz. Face a estes resultados, pode-se afirmar que os pais são bons interlocutores dos filhos em assuntos ligados à sexualidade, o que permitirá aos pais exercer a sua missão educativa. Talvez esta diferença entre a figura materna e paterna se deva à maior abertura na comunicação familiar das mães com os filhos adolescentes, nas questões da intimidade e sentimentos, pois “(...) sendo grandes as diferenças entre gerações, comparadas com os progenitores masculinos, as mães percebem uma comunicação mais satisfatória com os filhos adolescentes” (Lourenço, 1998, cit. por Ferreira & Nelas, 2008, p. 64) e/ou pelo facto da amostra em estudo ser constituída por um maior número de raparigas. Por outro lado, pode-se interpretar que seja a mãe a ter a iniciativa de educar os filhos no sentido da promoção de atitudes sexuais positivas e prevenção de comportamentos sexuais de risco.

No estudo HBSC/ OMS, 2006 (Currie *et al.*, 2008), concluiu-se que muitos jovens preferem mais os colegas do que pais na informação sobre sexualidade. Outros estudiosos da adolescência corroboram os resultados obtidos, nomeadamente, o estudo realizado por Ferreira & Nelas (2008) e também o estudo de Dias & Rodrigues (2009) que concluiu que o recurso preferencial dos adolescentes para obter informação sobre sexualidade é o grupo de amigos, seguido da mãe.

Parece ainda óbvio que o namorado/a e os professores poderão ser uma ajuda informada da maior relevância para alguns adolescentes. O médico/enfermeiro são os menos solicitados pelos alunos (4,6%) para abordarem esta temática. Estes resultados assemelham-se aos resultados obtidos no estudo realizado por Maia, Campos & Costa (2001) ao inferirem que o enfermeiro é a última pessoa a quem os adolescentes recorrem para discutir os problemas da sexualidade. Isto leva a repensar a forma como este assunto poderá ser valorizado nas consultas de Saúde Juvenil e Planeamento Familiar nos serviços de saúde, pelo que é necessário motivar os adolescentes a participar de uma forma ativa na promoção da sua saúde sexual.

Tabela 1 – Distribuição da amostra segundo a preferência na escolha dos interlocutores

Interlocutores \ Sexo	Masculino		Feminino		Total		Residuais		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.		
Mãe	79	30,2	144	50,9	223	40,9	-4,9	4,9	24,185	0,000
Pai	61	23,3	27	9,5	88	16,1	4,4	-4,4	18,975	0,000
Amigos	161	61,5	165	58,3	326	59,8	0,7	-0,7	0,560	0,454
Namorado/a	42	16,0	38	13,4	80	14,7	0,9	-0,9	0,736	0,391
Professores	26	9,9	42	14,8	68	12,5	-1,7	1,7	3,012	0,083
Irmãos	38	14,5	37	13,1	75	13,8	0,5	-0,5	0,234	0,628
Médico/Enfermeiro	10	3,8	15	5,3	25	4,6	-0,8	0,8	0,684	0,408

Da aplicação do teste de U de Mann-Whitney, verifica-se que os alunos que falam sobre sexualidade com as mães apresentam os valores de ordenação média mais elevados e diferenças estatísticas bastante significativas (OM=295,40; p=0,006), enquanto os alunos que falam com os irmãos apresentam os valores de ordenação média mais baixos e com significância estatística marginal (OM=239,94; p=0,050). Em relação aos alunos que falam sobre sexualidade com os restantes interlocutores, não existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes face à sexualidade, como consta na tabela 2.

Tabela 2 – Teste U de Mann-Whitney entre os interlocutores e as atitudes face à sexualidade

Interlocutores	Ordenação média	UMW	p
Mãe	295,40	30907,500	0,006
Pai	286,01	18963,500	0,397
Amigos	282,29	32668,000	0,093
Namorado/a	279,19	18104,500	0,703
Professores	294,25	14773,000	0,234
Irmãos	239,94	15145,500	0,050
Médico/Enfermeiro	267,72	6368,000	0,864

Pela observação da tabela 3 constata-se que os alunos com atitudes favoráveis consideram, em ordem decrescente, a mãe (55,2%), o pai (53,4%), os amigos (49,1%), os professores (48,5%), o namorado/a (46,3%) e o médico/enfermeiro (44,0%) como importantes interlocutores na sua atitude positiva face à sexualidade, o que evidencia o papel destes interlocutores no processo de construção do adolescente.

Tabela 3 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e os interlocutores

Atitudes	Interlocutores													
	Mãe		Pai		Amigos		Namorado/a		Professores		Irmãos		Médico /Enfermeiro	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Desfavoráveis	79	35,4	31	35,2	130	39,9	31	38,8	26	38,2	36	48,0	10	40,0
Residuais		-2,0		-1,1		-0,3		-0,3		-0,4		1,5		0,0
Indiferentes	21	9,4	10	11,4	36	11,0	12	15,0	9	13,2	9	12,0	4	16,0
Residuais		-2,1		-0,5		-1,7		0,6		0,1		-0,3		0,5
Favoráveis	123	55,2	47	53,4	160	49,1	37	46,3	33	48,5	30	40,0	11	44,0
Residuais		3,3		1,4		1,4		-0,1		0,3		-1,2		-0,3
Total	223	100,0	88	100,0	326	100,0	80	100,0	68	100,0	75	100,0	25	100,0
χ^2	11,982		1,952		3,567		0,343		0,152		2,140		0,217	
p	0,003		0,377		0,168		0,842		0,927		0,343		0,897	

Em jeito de síntese e face aos resultados obtidos, denotou-se o papel basilar da mãe, pois apenas foi encontrada a influência determinante da figura materna nas atitudes face à sexualidade dos alunos, contribuindo de modo bastante significativo para as atitudes favoráveis dos filhos. Como afirma Vilar (1994), os pais marcam, de muitas maneiras, o quadro de valores, atitudes e competências do indivíduo na sua vida sexual. Apesar das mudanças sociais caracterizadas pelo distanciamento da família e aproximação do grupo de pares, a família não deixa de ser importante, porque as atitudes e valores existentes no seio familiar continuam a ser modelos válidos para os adolescentes (López & Fuertes, 1999). Pelo contrário, verificou-se que os irmãos têm influência significativa mas desfavorável nas atitudes face à sexualidade na amostra global de alunos. De acordo com Alarcão (2006), as relações fraternas funcionam como uma força de socialização em moldes semelhantes ao grupo de amigos. Aprender sobre sexualidade com os irmãos parece estar associado a uma abordagem, muitas vezes, controversa e incorrecta, podendo influenciar negativamente as atitudes face à sexualidade e as opções dos adolescentes.

Conclusão

A vivência de uma sexualidade saudável pressupõe o desenvolvimento de competências pessoais e sociais do indivíduo, enquanto sujeito ativo no seu projeto de vida, bem como a adoção de estilos de vida saudáveis, quer por influência da educação formal, quer pelas influências relacionais a que está sujeito ao longo da vida.

Neste contexto, os programas de educação sexual devem ser mais uma ferramenta, uma peça de um *puzzle*, inserida na tríade do ambiente familiar, social e escolar pelo papel importante que têm no desenvolvimento do adolescente, dada a possibilidade de complementaridade e multidisciplinaridade entre os diferentes agentes educativos. Objetivando, seria importante a realização de parcerias entre as escolas, famílias e demais modelos educativos para agirem no sentido da promoção de aptidões sócio-individuais, adoção de comportamentos saudáveis e atitudes favoráveis face à sexualidade por parte dos adolescentes, proporcionando-lhes o acesso à informação, serviços e recursos da comunidade para fazerem escolhas informadas e responsáveis na sua vida pessoal e social. Sugere-se o investimento em projetos de formação para pais, professores e toda a comunidade educativa, no sentido de serem capazes de agir de forma adequada e coerente face às incertezas e manifestações dos adolescentes em assuntos de sexualidade. Desta forma, a sinergia de esforços entre todas as partes envolvidas na educação para a saúde e para a sexualidade deve caminhar rumo à valorização das dimensões psicológica, ética, afetiva e social do adolescente, estimulando o desenvolvimento de atitudes sexuais positivas e promovendo estilos de vida sexual saudáveis.

Pelo destaque que os amigos assumiram neste estudo, sendo eles os interlocutores privilegiados de informação em assuntos de sexualidade, e por, nesta etapa de vida, as relações de amizade serem tão relevantes, seria pertinente que estes programas incluíssem ações educativas e preventivas articuladas com os amigos/grupo de pares, nas quais as contradições e dúvidas pudessem ser indagadas e esclarecidas. Também o facto de se confirmar o papel determinante da figura materna nas atitudes sexuais positivas dos filhos coloca em evidência a importância dos programas de educação sexual, com envolvimento das famílias, que podem constituir uma das melhores formas de lidar com as questões da sexualidade adolescente.

Fica a expectativa de que os resultados deste trabalho contribuam para aumentar a sensibilidade da comunidade para esta temática e possam servir de ponto de partida para novas investigações, já que a educação sexual é da responsabilidade de todos os cidadãos, seja ao nível de intervenção direta ou indireta nas práticas educativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, E., & Lucas, A. P. (2001). A Sexualidade na Adolescência. *Servir*, 49 (4) (julho/agosto): 165-171.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. 3ª ed. Coimbra: Quarteto.
- Bastos, A. P. (2001). *Afectividade na Adolescência: Sexualidade e Educação para os Valores*. Lisboa: Edições Paulinas.
- Brêtas, J. R. S.; Muroya, R. L. & Goellner, M. B. (2009). Mudanças corporais na adolescência. In A. L. V Borges. & E Fujimori. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. São Paulo: Manole. Pp. 82-115.
- Casteleiro, C.; Costa, T. M.; Ferraz, P. & Soares, R. (2007). Intervenção Formativa na afectividade adolescente: educação para a sexualidade responsável em adolescentes. *Revista da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras*, 8: 36-39.
- Cossermelli, C. M. M. R. (2007). *Estudo comparativo de crenças e atitudes face à sexualidade de jovens, entre adolescentes e jovens adultos que frequentam uma instituição promotora de formação profissional na RAM*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em ciências da terra e da vida, Universidade da Madeira, Funchal. Consultada em maio, 17, 2011. Disponível em: <http://www3.uma.pt/defd/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=163&Itemid=34>.
- Currie C, Nic Gabhainn S, Godeau E, Roberts C, Smith R, Currie D, Pickett W, Richter M, Morgan A & Barnekow V (eds.) (2008). *Inequalities in young people's health: HBSC international report from the 2005/06 Survey. Health Policy for Children and Adolescents, N.º 5*, WHO Regional Office for Europe, Copenhagen, Denmark. Disponível em <http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0005/53852/E91416.pdf>.
- Dias, A. C. & Rodrigues, M. A. (2009). Adolescentes e sexualidade: Contributo da educação, da família e do grupo de pares adolescentes no desenvolvimento da sexualidade. *Referência, II série, 10* (julho): 15-22.
- Ferreira, M. & Nelas, P. (2008). Aprendizagem dos afectos e da sexualidade do adolescente: papel da família. *Revista da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras*, 9: 62-65.
- Frias, A. M. A. (2006). Expressões da sexualidade e atitudes contraceptivas dos adolescentes. *Servir*, 54 (3) (maio/junho): 121-130.
- Lei n. 60/2009, de 6 de agosto. *Diário da República, 1.ª série, N.º 151*, 6 de Agosto de 2009. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar. Disponível em: <<http://dre.pt/pdf1s/2009/08/15100/0509705098.pdf>>.

- Lemos, E. M. S. (2001). *Sexualidade na Adolescência: conhecimentos e opiniões dos adolescentes relacionados com a sexualidade*. Dissertação de mestrado em Promoção/Educação para a Saúde, Escola Superior de Enfermagem de Vila Real.
- López, F. & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Sintra: APF.
- Maia, A. M. C.; Campos, I. & Costa, M. O. (2001). Adolescentes e seus conhecimentos sobre sexualidade. *Informar*, 24 (janeiro/abril): 23-28.
- Matos, M. G.; Sampaio, D. & Equipa do Projecto Aventura Social. (2006). *Educação sexual no contexto escolar em Portugal: dando voz aos alunos* Lisboa: Aventura Social. Consultado em 17 de maio, 2011. Disponível em: <http://www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/7D6832DF-82AF-4213-992A-DF426A325226/0/Educao_sexual_contexto_escolar.pdf>.
- Nelas, P.; Fernandes, C.; Ferreira, M.; Duarte, J. & Chaves, C. (2010). Construção e validação da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (AFSA). In F. Teixeira *et al.* (Org.), *Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas* (pp. 180-184). Braga: Edições CIED. E-book disponível em: <http://www.fpccsida.org.pt/images/stories/Livro_I_CISES.pdf>.
- Neto, M.; Luis, M. P.; Delgado, L.; Gonzaga, M., Guimarães, C. *et al.* (2009). *Guião Presse: formação para professores do 2º ciclo do ensino básico*. Porto: ARS Norte.
- Neto, O. F., & L'Abbate, S. (2007). Avaliação do programa de intervenção preventiva “sexualidade e adolescência”, com jovens estudantes da periferia do município de Campinas. *Revista Brasileira Médica Farmacêutica e Comunitária*, 3 (9) (abril/junho): 4-12. Consultado em 5 de março, 2011. Disponível em: <<http://www.rbmf.org.br/index.php/rbmf/article/view/77>>.
- Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de abril. *Diário da República, N.º 69, Suplemento, 1.ª série*, de 9 de Abril de 2010. Regulamentação da Lei n.º 60/2009. Disponível em: <<http://dre.pt/pdf1sdip/2010/04/06901/0000200004.pdf>>.
- Pontes, A. F. (2011). *Sexualidade: Vamos conversar sobre isso?* Dissertação de Candidatura ao grau de Doutor em Ciências de Saúde Mental. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar. Consultada em 10 de março, 2011. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/24432>>.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o Mar: um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Vaz, J. M., Vilar, D., & Cardoso, S. (1996). *Educação Sexual na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vilar, D. (1994, Janeiro/Março). Comunicação pais/filhos adolescentes, sobre sexualidade. *Sexualidade, planeamento familiar*, 1 (2), (janeiro/março): 14-18.

Recebido: 29 de fevereiro de 2012.

Aceite: 4 de setembro de 2012.